

Revista Mundo Antigo

Entrevista Interview

Idade Média: novos caminhos e nova geração de medievalistas
Middle Ages: new approaches and new generation of Medievalists



Entrevistado (interviewed):
Prof.^a Dr.^a Carolina Coelho Fortes¹

Entrevistador (interviewer):
Prof. Dr. Julio Gralha (UFF/ESR)

¹ Prof.^a Adjunta em História da Idade Média da UFF-ESR, membro do Programa de Estudos Medievais (PEM – UFRJ), do Translatio Studii - Núcleo Dimensões do Medievo - UFF e do NEHMAAT-UFF/ESR.

1. Professora Carolina Fortes, para darmos início a esta entrevista, poderia contar-nos um pouco sobre sua trajetória acadêmica?

Minha graduação e mestrado foram cursados na UFRJ, ambos sob a orientação da Profa. Dra. Leila Rodrigues da Silva. Desde o segundo período comecei a pesquisar no Programa de Estudos Medievais, que para mim foi, e continua sendo, uma verdadeira "escola de altos estudos". Ali aprendi a pesquisar, a escrever textos acadêmicos, a debater ideias, a ter uma postura ao mesmo tempo mais generosa e mais disciplinada em relação ao conhecimento. Meu objeto de pesquisa era, até o mestrado, uma compilação de vidas de santos escrita no século XIII por um frade dominicano, a *Legenda Aurea*. Eu me interessava, então, pelas questões de gênero que marcavam os modelos de feminino e masculino representados pelo ideal de comportamento cristão, a santidade.

Entre o mestrado e o doutorado passaram-se alguns anos, porque me dediquei seriamente a aprender, na prática, a lecionar. Trabalhei na extinta Universidade Gama Filho, que era uma instituição privada de excelência. Éramos encorajados a sermos o melhor que podíamos como professores, tínhamos projetos de pesquisas, bolsas de iniciação científica para nossos orientandos, jornadas acadêmicas. Foi ali que aprendi a valorizar sobretudo o papel do professor universitário de História como formador de educadores e de cidadãos críticos e conscientes. Foi nesse período também, em 2005, que assumi junto com outros colegas um cargo na diretoria da Associação Brasileira de Estudos Medievais. O trabalho na ABREM era árduo, mas recompensador. Buscávamos a aproximação entre os pesquisadores brasileiros da Idade Média para estreitar as trocas, o diálogo entre nós.

Em 2007 ingressei no doutorado, na UFF, sob a orientação do Prof. Dr. Mário Jorge da Motta Bastos. Foi naquele ano que demos início ao “Dimensões do Medievo”, grupo de pesquisa que cresceu e se consolidou desde então, promovendo um evento internacional a cada dois anos. No doutorado, dediquei-me a pesquisar a construção da identidade institucional da Ordem dos Pregadores no século XIII. Enfim, em 2013, fui admitida como professora adjunta de História Medieval da UFF de Campos dos Goytacazes.

2. Se tomarmos como marco a chegada do século XXI é possível verificar uma nova geração de pesquisadores medievalistas?

Não sei se a virada do século seria um marco fiável para essa transformação, mas certamente identifico algumas diferenças entre nossos antigos professores e os colegas que têm terminado o doutorado nos últimos cinco anos ou mais. Atribuo as mudanças, em um plano geral, a maior democratização do conhecimento e, no caso brasileiro, ao acesso mais amplo ao ensino universitário.

3. Nesta nova geração existem posturas ou características singulares em relação as gerações anteriores?

Acredito que sim. A democratização do conhecimento tirou os pesquisadores da História Medieval, e talvez os de outras áreas, de seus "feudos". Parece-me que trocamos mais e "entesouramos" menos. Principalmente, diminuimos consideravelmente nossa "síndrome de cachorro vira-lata". Durante minha graduação, era muito comum ouvir críticas sobre minha opção em estudar um período que nosso país não vivenciou. Hoje em dia essas críticas, se existem, são veladas ou não nos afetam mais. Os estudos medievais no Brasil chegaram a sua maioridade, porque não sentimos mais necessidade de justificar nossas pesquisas mais do que a de outros períodos históricos, nem nós acreditamos produzindo conhecimento de qualidade inferior em relação a outros países.

4. Como a professora percebe a tecnologia de informação, bibliotecas virtuais, repositórios digitais de documentos e periódicos digitais na formação destes novos medievalistas?

Fundamental! Acredito que foi, em grande medida, a democratização do conhecimento trazida pela tecnologia que permitiu a muitos interessados no período medieval não terem medo de iniciar ou continuar a pesquisa. Boa parte da minha tese existe por conta dos documentos digitalizados e disponibilizados gratuitamente online. Como eu, há vários outros colegas.

Mas, ao mesmo tempo em que, no Brasil e a partir do Brasil, podemos sim fazer história medieval, se não buscamos os arquivos, se não aprendemos latim e paleografia,

esta história está condicionada a certos limites. Ou melhor, devemos ter consciência de que seus instrumentos e questões são específicos do uso dos documentos editados ou traduzidos. Que fique claro, no entanto, que não desaprovo em nada este tipo de produção historiográfica. Ao contrário, o que vejo cada vez mais nos medievalistas brasileiros que assumem essa postura é uma criatividade inquestionável e um profundo domínio de seus aportes teórico e metodológico.

5. Percebemos a utilização do Mundo Medieval no Tempo Presente em diversas áreas (filmes, games, literatura, dramatizações e cosplay, por exemplo). Isto pode contribuir para a formação de medievalistas e pode também ser usado como instrumento no ensino de História em Idade Média?

Essa Idade Média "pop", dramatizada, estilizada, certamente é uma porta de entrada para a reflexão sobre o passado. E, como tal, importante para a criação de uma ideia de temporalidade nos mais jovens. Parece-me que a Idade Média da indústria cultural de massa acabou se tornando um repositório dos nossos anseios sociais, um mundo ideal habitado por seres mágicos, homens honrados, mulheres valentes, heróis justos. Um mundo mais simples, em contraposição a complexa, intrincada, problemática realidade contemporânea. Eu acredito, por isso, que a utilização do mundo medieval pelo tempo presente diz muito mais deste nosso tempo, do que daquele medieval. Ainda assim, defendo a utilização desses produtos culturais como uma forma de trazer o conhecimento do aluno para o centro da discussão em sala de aula. Com isso, pode-se comparar os dois discursos - o do senso comum e o científico - e compreender que ambos têm bases e objetivos diferentes. Acredito serem estes instrumentos, portanto, realmente valiosos para o ensino de história medieval. Enquanto que essa reflexão sobre as características do fazer historiográfico serem diversas do discurso fílmico, televisivo, literário certamente é uma forma de testar os limites da nossa disciplina. Mas acho que o medievalista se faz mais na academia, com a leitura de historiadores inspirados como Le Goff ou Duby, do que com Game of Thrones!

Professora Carolina Fortes é autora de diversos artigos e capítulos de livros sobre a Ordem dos pregadores no século XIII. Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000), mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003) e doutorado em História pela Universidade Federal

Fluminense (2011). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal Fluminense - Campos de Goytacazes, foi professora da Universidade Gama Filho (2003-2013), coordenadora de curso de extensão da Universidade Gama Filho (2009-2012), professora da Fundação Getúlio Vargas (2010-2013), pesquisadora da Universidade Estadual de Maringá, pesquisadora colaboradora do Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Translatio Studii - Núcleo Dimensões do Medievo da Universidade Federal Fluminense. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Medieval, atuando principalmente nos seguintes temas: história medieval, hagiografia, história de gênero, Ordem dos Pregadores, História da Educação na Idade Média, Identidade.

Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4777475U7>